

SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, OI, GOETHE-INSTITUT PORTO ALEGRE E 7º FESTIVAL KINO BEAT APRESENTAM

DENILSON BANIWA

27.11 A 09.01.2022



INÍPO: CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO



Um traçado sinuoso de três quilômetros marca a distância geográfica entre o muro do Goethe-Institut Porto Alegre, as Salas Negras do MARGS e o Jardim Lutzenberger da Casa de Cultura Mario Quintana. O mapa que ilustra esse caminho também indica que a caminhada entre os locais que recebem a exposição dura trinta e seis minutos. Mas o dado mais interessante emerge enquanto uma epifania visual: a linha virtual que se forma ao juntar os pontos A, B e C desenha uma grande serpente espalhada pelo coração da cidade. É a partir desse INÍPO (caminho) com aparência de cobra que escolhemos o mito da Viagem de Transformação para ser o guia de entrada no universo de Denilson, e dos Baniwa.

Ao fragmentar a mostra para se criar um percurso – um deslocamento físico e virtual para acessar as obras –, surge um formato de exposição que simboliza o caminho realizado pela Canoa-Serpente de Transformação ao longo do Rio Negro e seus afluentes. No mito de criação da humanidade segundo a maior parte dos povos indígenas do Alto Rio Negro no Noroeste Amazônico, a canoa-serpente é o local onde os primeiros ancestrais humanos-peixes se formaram no decorrer de um caminho de transformações. A cada parada da canoa, os ancestrais adquiriam conhecimentos e poderes, e algum povo e local sagrado se estabeleciam.

Os trabalhos exibidos nesta exposição partem deste mito originário para expandir as representações de aspectos relacionados a cosmogonia e contemporaneidade Baniwa: a comunicação transcendental dos pajés, os petróglifos (gravuras rupestres), o contexto urbano e a perspectiva da essencialidade humana ser partilhada por animais – e também por outros reinos – são alguns dos relatos presentes nas obras.

“A arte indígena sempre conta uma história. É um modo de guardar nossa memória, como se fosse um banco de dados”, diz o artista. O esgotamento das grandes narrativas que regem o mundo nos últimos séculos aparenta ter chegado em seu ápice no Brasil pandêmico. Assolados por uma complexa crise que atravessa todos os estratos da vida, a busca por histórias que sugerem outras formas de ser e estar no mundo mostra-se não apenas como retórica, mas como um possível caminho para adiar o fim do mundo, como nos ensina o pensador Ailton Krenak. Se as tintas que escreveram a História até agora parecem falhar em apontar esses caminhos, os generosos arquivos atemporais dos Baniwa, dos Krenak ou de outros povos indígenas ao redor do mundo se mostram disponíveis para consulta, como sempre estiveram. O que estamos fazendo com esses conhecimentos, que entre tantos ensinamentos indicam uma relação mais afetuosa e de cuidado com a casa comum em que vivemos?

Essa exposição-percurso é uma pequena janela para algumas dessas histórias e memórias coletivas contadas por Denilson Baniwa através de gravuras digitais, vídeos, pintura mural, lambe-lambe e um filtro virtual. A apresentação desse recorte do banco de dados opera num jogo de traduções: “Traduções das vozes da floresta, das pedras, da água e de todos os seres vivos. A arte indígena pode ser aliada no entendimento de mundos, pois ela mesma transita entre o ancestral e a plasticidade do mundo moderno”. Complementando Denilson, o artista Jaider Esbell escreve que arte indígena contemporânea não está apenas atrelada ao seu passado, “a ancestralidade é mobilizada no agora, reconfigurando posições enunciativas e relações de poder para produzir outras formas de encontro entre mundos não fundamentadas nos extrativismos coloniais”.

A possibilidade de encontros e alianças entre mundos, a busca por uma comunicação interdependente, as traduções e escutas das vozes de animais, vegetais, minerais e de outros reinos já classificados pela

ciência ou fabulados pela arte são alguns dos pontos que confluem a exposição dentro da programação do 7º Festival Kino Beat.

Cada ponto da exposição-percurso pode ser visto individualmente e compreendido enquanto uma obra ou série de obras autônomas. Seja na rua, museu, jardim ou virtualmente, a fruição é integral em cada local visitado. Mas é na força do percurso que pode-se compreender a totalidade. Propondo uma relação entre obras que não acontece apenas em uma espacialidade confinada, a exposição-percurso se espalha no corpo da cidade, num trajeto serpenteado entre as instituições que torna o caminho entre elas parte da experiência.

Gabriel Cevallos
Curador

MARGS | Salas Negras

De terça a domingo, das 10h às 19h (último acesso 18h30)
Praça da Alfândega, s/n - Centro Histórico
27.11.2021 a 09.01.2022

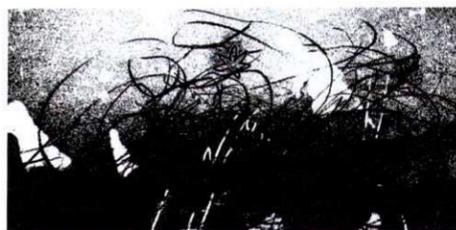
(até o dia 03.12 as obras estarão tapadas de preto em memória do artista Jaider Esbell)

Aquela gente que se transforma em bicho



8 gravuras digitais
2018-2021

Floresta-Casa derrubada (A última maloca do fim do mundo)



Vídeo (2min41s)
2021

Ty Ty – memórias de beija-flor



Vídeo (3min26s)
2021

Casa de Cultura Mário Quintana
| Jardim Lutzenberger

De segunda-feira a sábado, das 9h às 18h30
Rua dos Andradas, 736 - Centro Histórico
27.11.2021 a 09.01.2022

Repovoamento de uma cidade Floresta

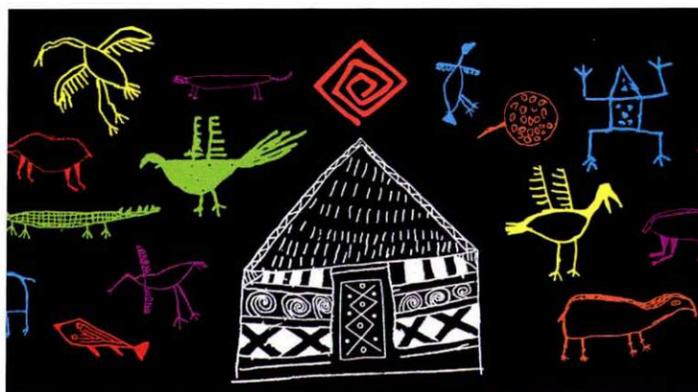


Lambe - Lambe
2021

Goethe-Institut Porto Alegre

Diariamente no muro de entrada do Instituto
Rua 24 de Outubro, 112 - Independência
27.11.2021 a 28.02.2022

Muyeréusáwa Rúka



Pintura mural
2021



Filtro no Instagram
Yamareté Baniwa
Escaneie o QR Code:

